

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 30 No. 1 2017

A MORTE ENFEITADA:

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS MORTUÁRIAS DOS CONSTRUTORES DO SAMBAQUI CABEÇUDA A PARTIR DE UM SEPULTAMENTO INFANTIL

Alejandra Saladino¹

Os estudos sobre os sambaquis e os grupos que os construíram mesclam-se à própria história da Arqueologia brasileira. Diversas foram as abordagens e questões a fundamentar as interpretações acerca desse tema. Origem, função, modo de subsistência, tecnologia, processo construtivo dos concheiros, relações com outros grupos culturais e regularidades e especificidades culturais e regionais são alguns dos temas tratados na literatura especializada. Para o desenvolvimento de todos eles, são preciosos os dados recuperados das estruturas funerárias. O objetivo central desta pesquisa foi analisar as práticas mortuárias dos construtores de Cabeçuda, a partir de uma baliza, especificamente os adornos de conchas de um sepultamento infantil, e à luz de registros sobre tais artefatos associados a estruturas recuperadas de outros sambaquis e sítios litorâneos de Santa Catarina e Rio de Janeiro. Partiu-se do levantamento, organização, sistematização e processamento dos dados disponíveis na literatura especializada – fontes primárias e secundárias – sobre as sepulturas de Cabeçuda e outros sambaquis e sítios litorâneos de Santa Catarina e Rio de Janeiro. Os dados levantados nas arqueografias foram interpretados problematizando as premissas da teoria do reflexo e da natureza conservativa das práticas mortuárias.

Ressalta-se que não se pretendeu analisar o não visto. Dito de outra forma, os dados levantados nas fontes consultadas foram considerados para iluminar e contextualizar uma análise que partiu de um sepultamento infantil.

A metodologia aplicada resultou na produção de dados tanto quantitativos quanto qualitativos sobre a relação entre comportamentos mortuários e adornos de conchas e entre a relação sujeito e objeto. Os percentuais produzidos possibilitaram uma reflexão mais didática sobre a discussão.

Os resultados alcançados e interpretados permitiram a construção de um quadro possível sobre as práticas mortuárias de Cabeçuda. Vale lembrar que Castro Faria (o primeiro cientista a escavar Cabeçuda com metodologia científica), em suas cadernetas de campo, relatou a situação dramática na qual se encontrava esse sítio em meados do século passado. Simultaneamente às escavações por ele realizadas, as atividades da caieira ao lado do sítio estavam a pleno vapor, modificando e adulterando irremediavelmente o contexto estudado. São diversos os seus relatos sobre o desbarrancamento de estruturas funerárias e respectivos materiais. Por isso sugere-se

¹ Museóloga e arqueóloga, Doutora em Ciências Sociais (PPCIS/UERJ), museóloga do Museu da República, Professora do Departamento de Estudos e Processos Museológicos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (DEPM/UNIRIO) e Professora do Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural (Centro Lúcio Costa/IPHAN). E-mail: alejandrasaladino@gmail.com.

que as possíveis inferências sobre ocorrência de artefatos e situações específicas devam ser compreendidas em todo o seu caráter circunstancial. Aquilo que parece ser restrito e reduzido no registro arqueológico, em realidade, pode muito bem ter sido recorrente e abundante. Expõe-se assim a complexidade da interpretação dos fragmentos de um sítio com feições tão alteradas como Cabeçuda.

Assim sendo, desde o início deste estudo, havia clareza de que não fazia parte do rol de objetivos identificar elementos constitutivos de padrões de enterramento. Ainda assim, apesar da fragmentação que caracteriza as fontes consultadas, foi possível observar também em Cabeçuda algumas características identificadas em outros contextos. A primeira delas se refere ao estudo de Maria Dulce Gaspar que, partindo da problematização da dicotomia cotidiano X ritual, identifica elementos a indicar a proximidade entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Em Cabeçuda, considerando o número de esqueletos recuperados e os costumes funerários variados, é possível sugerir que a morte também ocupava boa parte do cotidiano das pessoas.

A outra característica levantada em um estudo de antropologia biológica de Verônica Wesolowsky sobre as populações de sítios de São Paulo pode igualmente ser aplicada em Cabeçuda, afinal, os registros consultados indicam quase a totalidade de sepultamentos primários e a tendência ao tratamento indiferenciado dos mortos, considerando os percentuais de adornados e não adornados de ambos os sexos e de distintas faixas etárias.

Outra característica observada em Cabeçuda e outros sítios diz respeito à tendência de adornar as crianças com conchas modificadas, igualmente verificada em outros contextos de Santa Catarina e Rio de Janeiro. E, ainda, as ocorrências de ornamentação de infantes com dentes de tubarão modificados observada em Cabeçuda, Praia da Tapera e Corondó.

O levantamento e sistematização dos dados sobre os sepultamentos de Cabeçuda sugere a existência de algumas tendências recorrentes na longa duração. A primeira delas refere-se à variabilidade de arranjos da cultura material, especialmente no tocante à presença e ausência dos adornos de conchas. A segunda diz respeito a uma não aparente demarcação de gênero pela ornamentação com conchas modificadas, considerando os percentuais de homens e mulheres adornados e não adornados.

Destarte, alguns resultados deste estudo coincidem com investigações anteriores, especificamente o estudo de Eliana Escorcio, que levanta a questão da tendência à variabilidade das práticas mortuárias intra e intersítios. Partindo do estudo aqui apresentado, é possível compreender que a variedade das práticas mortuárias, nos adornos diferentes que mudam e/ou desaparecem no horizonte espacial podem ser compreendidas como evidências de riqueza simbólica, de variedade de arranjos de relações entre sujeito e objeto. E ainda compreende-se que os adornos de conchas em Cabeçuda não são universais.

O levantamento das fontes consultadas, levando em consideração a própria forma, o contexto e as circunstâncias nas quais foram produzidas, contribuiu para a compreensão da elaboração dos registros, a identificação de suas limitações – se forem considerados os elevados índices de variáveis sem registros que, por sua vez, achataram alguns resultados expostos nos gráficos – mas, também dos elementos que possibilitam a proposição de hipóteses de trabalho.

A leitura das fontes primárias e os relatórios de pesquisas de Castro Faria, Tiburtius, Rohr, Beck e Farias, dentre outros, e o acesso às bases de dados dos materiais de Cabeçuda permitiram contemporizar a ideia de que os dados nelas contidos seriam de pouca valia para estudar temas complexos, como as práticas mortuárias. Apesar da fragmentação e irregularidade na produção dos registros de algumas fontes

consultadas, ainda assim foi possível obter delas alguns dados importantes para o desenvolvimento da pesquisa e a formulação de novas hipóteses de trabalho. Destaca-se então os registros de Castro Faria sobre Cabeçuda que, embora realizados em condições pouco favoráveis, são referências incontornáveis para a compreensão das populações sambaqueiras e, ainda, do desenvolvimento da arqueologia no país.

A realização desta etapa do trabalho possibilitou, em última instância, levantar algumas evidências sobre os resultados da normatização da elaboração das pesquisas arqueológicas realizadas no país a partir da homologação da Portaria IPHAN nº7/88. A partir de então, os relatórios, entregues obrigatoriamente ao órgão de tutela dos bens arqueológicos, adquiriram uma forma mais estruturada, com itens específicos para as etapas desenvolvidas, para os aspectos estudados e para os materiais coletados, tornando-os assim potenciais referências para estudos futuros.

A possibilidade de participar da escavação dos blocos referentes ao sepultamento infantil (a baliza deste estudo) e da produção dos registros textuais e fotográficos resultou na percepção da importância dessa técnica de campo para o desenvolvimento de estudos sobre as práticas funerárias, especialmente aqueles que propõem compreender as relações entre sistema X estrutura, materialismo X idealismo, sociedade X indivíduo, geral X particular e, especialmente, sujeito X objeto.

A articulação dos dados produzidos sobre essa estrutura com aqueles referentes aos demais sepultamentos de Cabeçuda e outros sítios permitiu problematizar a ideia inicial de que a baliza deste estudo, pela simples análise da quantidade de adornos de conchas, seria uma situação pouco recorrente, única. Os dados supracitados foram compreendidos como mecanismos de avaliação que, embora falíveis, sugerem a possibilidade de perceber essa estrutura funerária como os remanescentes de um ritual pleno de simbologia tal e qual outros arranjos funerários, com ou sem adornos de conchas, com contas discoides ou sem contas discoides.

A observação de três universos espaciais distintos em Cabeçuda, considerando a presença (e ausência) e tipo de adornos de conchas e blocos líticos e outros marcadores das estruturas funerárias foi interpretada como indicativo de relações flexíveis entre sujeito e objeto bem como da flexibilidade dos processos de simbolização relacionados às práticas mortuárias. A ausência de padrões absolutos, observada na distribuição dos adornos de conchas entre os gêneros e diversas faixas etárias, foi interpretada como indicativo de flexibilidade na atribuição dos papéis representados simbolicamente pelos artefatos. A análise das estruturas funerárias de Cabeçuda, tendo como baliza um sepultamento infantil, resultou na observação de que os adornos de conchas, especialmente as contas discoides, parecem não ter sido universais.

Por fim, compreende-se que o esforço empreendido no levantamento e sistematização dos dados sobre as estruturas funerárias de Cabeçuda disponíveis nas fontes consultadas permite sua utilização em estudos futuros como, por exemplo em investigações morfo-tipológicas dos adornos de conchas a partir de uma perspectiva intersítios.

Palavras-chave: Práticas Funerárias; Adornos de Conchas; Cabeçuda (Laguna, Brasil).